

PAUL BERGAMIN – Apontamentos para uma biografia

Paul Bergamin, nasceu em 1848, na localidade de Schleuis, cantão Suiço de Grisons, filho de Blasius Bergamin, industrial hoteleiro, e de Maria Ursula Bergamin, doméstica. Veio para Portugal no último quartel de oitocentos, para o Hotel Bragança, situado na Rua do Ferragial de Cima (atual Vítor Cordon) em Lisboa, um dos melhores hotéis do país à época.

Paul Bergamin permanece alguns anos em Lisboa e em 1882 aposta forte no Entroncamento da Pampilhosa, pequeno lugar, que o comboio acabava de colocar no mapa. Nesta terra, inicia a sua atividade com a exploração, por concessão, do bufete da estação, mas a sua iniciativa empresarial depressa se estende ao Bussaco, Luso e Coimbra. Individualmente ou em sociedade, viria a ter uma atividade hoteleira digna de registo, particularmente no que se refere à exploração, do Grande Hotel do Bussaco, que iniciou provisoriamente em 1899, e em definitivo a partir de 1907, com contrato até 1926. Concessão que viria a ceder a Alexandre d’Almeida em 1920.

Com Paul Bergamin, veio para Portugal a sua irmã Paulina Bergamin (1863-?) e supostamente, o seu pai, pois encontramos em postais ilustrados antigos do Porto, *Editor: Blasins Bergamin – Arrendatário do Restaurante*. Daí, sou levado a supor, que o concessionário do restaurante da estação de Campanhã, seria o pai do biografado, pois um erro de impressão Blasins/Blasius, é possível. Por outro lado, faz sentido, a ligação familiar à indústria hoteleira e em particular à exploração, por concessão de espaços ferroviários. A confirmação poderá surgir, em consultas a realizar no Centro Nacional de Documentação Ferroviária.

Em Lisboa, Paul Bergamin, fixa morada na freguesia da Nossa Senhora dos Mártires, e vem a casar em 1879 [...] *casa aos 25 anos, na Ericeira, com Adelaide Maria Albuquerque (1854-1918), doméstica, natural da Ericeira, Mafra, filha de Isidoro Matheus d’Albuquerque e de Isabel Maria dos Anjos. São testemunhas Henrique Zeferino d’Albuquerque, negociante de Lisboa e Manuel Capella, empregado em casa do Excelentíssimo Marquez de Pombal, em Lisboa [...].*

O nome que adota em Portugal, como consta em documentos oficiais, é de Pedro Paulo Bergamin, embora o próprio assinasse frequentemente com o seu nome original, *Paul Bergamin*, que irei manter ao longo deste texto.

As referências à atividade de Paul Bergamin, são diversas, tais como; pasteleiro, diretor de uma cadeia de hotéis de Lisboa, organizador de banquetes da família real, cozinheiro do rei D. Luis, etc. Mas a designação mais consistente é de *Chef*, cozinheiro/pasteleiro, especialidade que acumulou com o desempenho de administração hoteleira.

No seu percurso, contou com vários colaboradores, como foi o caso do francês Luiz Julio Palud, o alemão Conrad Wissmann, José Garcia Esteves, o italiano Pietro Reali, o suiço Conrad Bruhin, o genro Feliciano d’Oliveira Rocha, e Alexandre d’Almeida.

Em 1882, a família Bergamin instala-se na estação, e começa por fazer uma série de investimentos. Adquire vários terrenos, uns por compra direta, outros por aquisição de heranças e também por hipotecas de empréstimos. Estes terrenos estendem-se da zona da ribeira do entroncamento (atual jardim municipal), até à Lagarteira “Fonte da Pipa”,

vinhas e pinhais no Areal. Em 1886 constrói o Chalet Suíço em frente à estação, e um conjunto de infraestruturas à sua volta de apoio ao negócio – casa de telegrafo e postal, padaria, armazéns, casa de abegoaria, garagem e cocheira.

O Chalet Suíço serve de hospedaria e residência familiar, apresenta uma arquitetura interessante, que conjuga duas componentes que se conciliam e a individualizam – a característica alpina dos seus telhados e lambequins de madeira, e a utilização do barro vermelho, nas fachadas, guardas e guarnições das portas e janelas, produtos da sucursal das Devesas (Fábrica Velha), estabelecida nas imediações da estação, igualmente em 1886 (as telhas do Chalet, ainda são as originais, nelas se pode ler a inscrição “*SUCURSAL DAS DEVEZAS/ANTONIO ALMEIDA DA COSTA & Cª/PAMPILHOZA*”.

A pequena descrição que passo a fazer deve-se à gentileza do Ruben Novo, filho dos proprietários, que permitiu uma breve visita ao interior do Chalet.

Este interessante edifício evolui em 4 pisos, sendo o rés-do-chão (cave) dividido por serviços de armazém, adega, arrumos etc.

O 2º piso é destinado a hospedaria; cozinha, sala de jantar e quartos, entre os quais, o célebre nº 11, que a família Real ocupava com regularidade nas suas viagens pela Beira. Este quarto, pela exclusividade das suas instalações, área, espaços anexos, vestíbulos, fogão de sala em mármore, teve certamente na sua conceção, uma “*real*” utilização, que terá ter tido lugar pela primeira vez, na noite de 18 para 19 de Maio de 1886, quando Sua Alteza o Príncipe Real D. Carlos vem esperar à Pampilhosa, a Princesa Maria Amélia d’Orléans.

No “Diário Ilustrado” de 19 de Maio de 1886 – [...] *Sua Alteza tem aposentos preparados na Pampilhosa, para descançar durante o tempo da sua demora ali* [...]

No interior do Chalet Suíço, podemos ainda destacar alguns pormenores que nos remetem para a qualidade das instalações, as paredes revestidas a “*finidos*” de mármore e decoração dos tetos com bonitos gessos.

No 3º piso, deparamo-nos com um grande salão, com referências helvéticas marcantes, heráldica, pinturas murais de paisagens alpinas com moldura, portadas janela do tipo vitral.

No 4º piso, águas furtadas, temos espaços de apoio a serviços domésticos (rouparia) e instalações para o pessoal.

Este edifício, mesmo com as alterações introduzidas ao longo do tempo, com o levantamento da rua que lhe retirou o jardim e a escadaria frontal, mantém a dignidade e a relevância histórica.

A sua capacidade máxima andaria à volta de 20 quartos. Passados alguns anos, seria manifestamente insuficiente face à procura, pois viriam a surgir no lugar do Entroncamento, três ou quatro hospedarias, que sendo mais modestas, complementavam-se com negócios de restauração e mercearia.

Em 1883, no dia 25 de setembro, nasce o primeiro filho [...] *nasceu na estação do Entroncamento, limite desta freguesia da Pampilhosa um individuo do sexo feminino, a quem deram o nome de Maria, [...] Foram padrinhos Isidoro Matheus d’Albuquerque, comerciante e Maria Henriqueta d’Albuquerque, modista [...]*

Em 1886, no dia 10 de Abril, o casal Bergamin, perde o segundo filho à nascença, [...] *faleceu no Entroncamento, freguesia de Pampilhosa, logo depois de ter nascido, um individuo do sexo masculino [...]*

A sua irmã, Paulina Bergamin, casa com Jacinto Assunção Ferreira Xavier de Noronha (1862–1930), primeiro chefe da estação Norte da Pampilhosa, natural de Formoselha, freguesia de Santo Varão, concelho de Montemor-o-Velho.

A “Gazeta da Figueira” de 30 de maio de 1894, dá conta, do nascimento do primeiro, de cinco filhos, de Jacinto Noronha e Paulina Bergamin – *“O dia de ontem foi alegre e festivo para o nosso amigo Jacintho de Noronha, digno representante da companhia real n’esta estação, que baptisou o seu primeiro filho. Foram padrinhos do neophyto, que recebeu o nome de Paulo Pedro, o sr. Paulo Bergamin, cunhado do sr. Noronha, e a sua interessante filha. À tarde ofereceu o sr. Noronha um profuso e dedicado jantar, a que assistira, além da família do dono da casa, famílias Bergamin e cunhadas, Lucio, chefe da estação de Pampilhosa, Coelho, empregado do correio, Abel, etc., os srs. Severo Pereira Corrêa, Pedro Fernandes Thomaz, Joaquim Esteves, Manuel Dias Soares, A. Fadigas, todos d’essa cidade, e que vieram á Pampilhosa a convite do sr. Noronha. Durante o jantar, que terminou perto das 11 horas da noite, trocaram-se calorosos e entusiasticos brindes entre convivas, reinando sempre a maior cordialidade. Os distintos amadores figueirenses fizeram-se depois ouvir tocando por vezes vários trechos de musica. Também tocou algumas peças com toda a correccão a nova agremiação musical da Pampilhosa – “Serões Musicais” – que, com pouco tempo de existência, tem feito já notáveis progressos, graças aos esforços dos srs. Severo e Alfredo. Eram quasi duas horas da noite quando se retiraram os convivas extremamente penhorados com a amabilidade do sr. Noronha e da sua exm^a sr^a D. Paulina Bergamin de Noronha [...]*

Em 1903, a filha de Paul Bergamin, Maria Adelaide d’Albuquerque Bergamin, com 20 anos de idade, casa com Feliciano d’Oliveira Rocha (1877–1926), filho de Feliciano Rodrigues da Rocha, industrial (sócio de António de Almeida e Costa e Joaquim Teixeira Lopes na Fábrica das Devesas, com sucursal na Pampilhosa) e Antónia Maria d’Oliveira doméstica. Foram padrinhos de casamento, António Teixeira Lopes, estatuário de Villa Nova de Gaya e Abílio Oliveira Rocha, industrial de Villa Nova de Gaya, (irmão do noivo e cofundador da cerâmica de Oliveira do Bairro, Abílio Rocha & Irmãos).

Em 1918, a morte da esposa de Paul Bergamin, é noticiada no jornal “*Bairrada Elegante*” – Adelaide Maria d’Albuquerque Bergamin – *[...] faleceu no Bussaco esta senhora, esposa do sr. Paulo Bergamin, arrendatário do Palace Hotel e antigo cozinheiro do rei D. Luiz e sogra do sr. Feliciano Rocha, gerente daquele importante estabelecimento [...]*.

Em 1921 a morte de Paul Bergamin consta da necrologia publicada no “*O Século*” de 13 de maio – *faleceu: [...] no Palace Hotel do Bussaco, o sr. Paul Bergamin, ex-proprietario do mesmo hotel e que durante muitos anos, proprietário do restaurante da estação da Pampilhosa [...]*

Em finais de 1926, o cadáver de Adelaide Maria d’Albuquerque Bergamin, é trasladado para o jazigo do seu genro, Feliciano de Oliveira Rocha, no cemitério da Pampilhosa.

Tendo em conta que os bens da herança, começam a ser vendidos pelos seus tios em 1928, teria que necessariamente ter falecido entre 1926 e 1928, o que facilitou a pesquisa. Uma das hipóteses era ter falecido nos hospitais da Universidade de Coimbra, que procurei com resultado. Pois em 30 de Janeiro de 1927 [...] *na enfermaria dos Quartos Particulares de Cirurgia, mulheres, dos Hospitais da Universidade de Coimbra, faleceu de coma diabético, um indivíduo do sexo feminino, de nome Maria Adelaide Albuquerque Bergamin Rocha, de quarenta e três anos de idade [...]* O cadáver vai ser sepultado no cemitério da Pampilhosa do Botão [...]

A ligação da família à Pampilhosa continuou, pois a irmã Paulina Bergamin de Noronha, herdeira dos bens por morte dos sobrinhos, mesmo depois de vender o Chalet Suíço a António Marques Jr. em 1943, ficou com um quarto e a chave da porta da rua, para sua utilização sempre que vinha à Pampilhosa, nas visitas regulares que fazia, pois tinha no cemitério a sepultura do seu marido Jacinto Noronha.

Bergamin, na vida cultural da Pampilhosa

A “Gazeta da Figueira”, de 14 de abril de 1894 noticia, Serões Musicais no Chalet Suíço — *É o nome que adopta uma sympathica agremiação dos rapazes empregados das companhias Real do Norte e Beira Alta, que na Pampilhosa fundou uma orchestra. No dia 13 instalou-se a sociedade, n’uma salla do elegante Chalet, do sr. Bergamin, que amavelmente a cedeu, havendo um profuso e variado lunch, durante o qual reinou o maior entusiasmo e se fizeram calorosos brindes. A Orchestra é dirigida pelo nosso amigo e distinto amator José Gomes Severo, o que é segura garantia de que há-de progredir em pouco tempo. Para os diferentes cargos da nascente sociedade foram eleitos: Presidente – Jacintho F. de Noronha. Secretario – Bernardo Bastos. Thesoureiro – Paulo Bergamin. Directores – Lucio de Oliveira e Silva e Jose Barreiros.*

Grémio de Instrução e Recreio em 19 de março de 1906 – ACTA nº1 – [...] *Reunião na sala do restaurante da estação, de habitantes do lugar do Entroncamento, para deliberarem à cercada construção de uma casa de teatro club; foi eleito por unanimidade o Snr. Paul Bergamin, como presidente [...] foram discutidos vários alvites sendo por fim aprovados os seguintes pareceres: [...] 4º Que os Snrs Feliciano Rocha e Adriano Teixeira Lopes sejam os encarregados de levantar a planta e dirigir os trabalhos de construção da referida casa [...] 6º Que a comissão encarregada de dar começo à obra desde já trate de promover uma subscrição apresentando o processo mais viável de entrar em caixa com o dinheiro que essa subscrição possa dar [...]*

Relação dos primeiros membros da Sociedade e respectivas importâncias.

<i>o 1º secretário</i>	<i>Domingos Rodrigues da Silva</i>	<i>20.000 réis</i>
<i>o presidente</i>	<i>Paul Bergamin</i>	<i>150.000 réis</i>
<i>o 2º secretário</i>	<i>Joaquim Teixeira Lopes</i>	<i>40.000 réis</i>
<i>o tesoureiro</i>	<i>João Teixeira Lopes</i>	<i>50.000 réis</i>
<i>Jose Lopes</i>		<i>50.000 réis</i>
<i>Feliciano Rocha</i>		<i>50.000 réis</i>

[...]

Em 25 de março 1906 – Acta nº 2 – *Deliberou-se que o titulo a dar à sociedade fosse de Grémio de Instrução e Recreio da Pampilhosa. Foi apresentada à Assembleia e aprovada a seguinte proposta do Exmº Snr. Dr. João Borges Abrantes. Proposta. Que a quantia com que cada um subscreveu seja dividida em quatro prestações; Que os subscritores que tencionam fornecer materiais fiquem por enquanto isentos de entrar em dinheiro; Que sejam garantidas por acções de dois mil e quinhentos reis as cotas que se forem cobrando [...]*

Em 1 de abril de 1906 – Acta nº 3 – Na assembleia geral deliberou-se que os corpos gerentes ficassem constituídos da fora seguinte. Assembleia Geral [...] **Paul Bergamin – Presidente;** Feliciano Rocha – Vice-Presidente; Domingos da Silva – Secretário.[...]

Em 5 de abril de 1906 – Escritura de sociedade [...] *Para contruir um prédio urbano destinado a um grémio de instrução e recreio – No lugar do Entroncamento da Pampilhosa e no escritório do chefe da estação do caminho de ferro da Beira Alta [...]*

Em 6 de abril de 1906 – **Venda do terreno para o teatro do Grémio de Instrução e Recreio** – *Pelo presente documento por nós mandado fazer e pelo nosso próprio punho assinado, confessamos nós Paulo Bergamim e esposa Dona Adelaide Maria Bergamim, proprietários, moradores no Entroncamento da Pampilhosa, que vendemos de hoje para todo o sempre ao Snr. Lúcio de Oliveira, na qualidade de representante do Grémio d'Instrução e Recreio da Pampilhosa, uma leira de terra que nós tínhamos e possuíamos no sítio da Ribeira da Pampilhosa, limite do Entroncamento, a confinar do nascente com estrada pública. Norte e Sul com o vendedor, bem como do Poente, pela quantia de quarenta mil reis, que à factura do presente documento declaramos já ter recebido do comprador em bom dinheiro corrente do reino e desta importância lhe damos plena e completa quitação. que cedemos e transferimos no mesmo comprador todo o domínio, direito, acção e posse, que até agora temos tido no prédio vendido e desde já lhe damos por conferida a dita posse, e nos obrigamos a fazer esta venda boa, firme e de paz para sempre aceitando a autoria e respondendo pela evicção nos termos do direito. Esta venda fica, porém, subordinada às seguintes condições. **Primeira.**— O terreno vendido não poderá ser aplicado senão para o fim a que é destinado, isto é, para a construção de uma casa ou Club Recreativo, pois que em caso contrário ficará este documento sem efeito. **Segunda.**— Se por qualquer caso a sociedade do Grémio tiver que vender a propriedade com as benfeitorias já feitas, será esta adquirida pelo direito de preferência pelo Snr. Paulo Bergamim, ou seus legítimos representantes. **Terceira.**— Por este documento se obriga o Snr. Paulo Bergamim e esposa a dar passagem ao público pelos terrenos que possui ao Norte e Sul da propriedade a construir, mas isto só em caso de incêndio, e do lado do poente ficará uma porta e serventia a dar comunicação com o caminho da serventia pública. Por verdade mandámos fazer este documento que vamos assinar com as testemunhas presentes Adriano Teixeira Lopes, viúvo, proprietário e Bartolomeu Delho, solteiro, empregado nos Caminhos de Ferro da Beira Alta. A contribuição de registo onerosa foi paga pelo conhecimento nº quatrocentos e quarenta e três, efectuado na recebedoria do concelho da Mealhada em 4 de Abril do corrente ano.*

Bergamin no Bussaco e Luso

Como já referi, Paul Bergamin não limitou a sua atividade hoteleira e de restauração à Pampilhosa. Em 1891 adquire a concessão do “Restaurant Hotel da Matta” a Joaquim Pedro Nogueira, que foi abrir nesta data, o Hotel Central no Luso, no que tinha sido o palácio do marquezes da Graciosa, atual Hotel Alegre. Uma das suas especialidades seria as merendas servidas em locais específicos da mata, transportadas em canastras à cabeça. O recurso a instalações do convento e mesmo de novos edificios já construídos, como a Casa dos Embrechados e a Casa dos Três Arcos, por arrematação, continuava a ser a solução para responder à grande procura na época alta.

Em 2 de janeiro de 1894, Paul Bergamin arrendou ao Conde de Foz de Arouce, a casa do Luzo, com todos as suas pertenças e logradouros, por cinco anos, pelo valor de duzentos mil réis anuais. Daqui, podemos concluir que o crescente aumento da procura, verificado na emergente estância termal, leva Paul Bergamin a alargar o seu negócio à Vila do Luso.

Em 1899 as obras do Palace Hotel decorriam com grandes dificuldades financeiras, até que surge uma proposta irrecusável por uma sociedade, constituída por Paul Bergamin & Conrad Wissmann. Entre outras condições [...] *Os concessionarios depositarão no banco de Portugal, á ordem do governo, a quantia de 40.000\$000 réis, que serão exclusivamente destinados á conclusão do edificio em construcção e suas serventias.[...]*

Esta proposta viria a ser muito contestada no Parlamento, principalmente pelo conde de Burnay, com interesses familiares no ramo, pois eram proprietários do Hotel Central em Lisboa, tecendo críticas que chegaram ao ponto ironizar a entrega de tão importante investimento estatal a dois cozinheiros. Apesar de tudo, esta proposta, convertida em projeto de lei, viria a ser facilmente aprovada. Inicia-se um período de exploração conjunta, com diferentes responsabilidades, cabendo a Wissmann, a Direção do Hotel.

Em 31 de março de 1907, no “Resistência” – Bussaco – [...] *Com o tempo delicioso que tem feito, foi o Bussaco o sitio preferido para os fieis que fugiram ao brilho das festas religiosas nas grandes cidades, e que se converteu em verdadeira semsaboria oficial para quem costumes divertir-se.*

No hotel da Mata, em que o sr. Bergamin continua com o serviço modelar e a sua delicadeza rara a atrair os forasteiros, não havia nem quartos, nem de comer. Foi razia geral [...].

No mesmo jornal, em 25 de agosto de 1907, – Bussaco – *Está como noticiámos, a concurso o grande hotel da mata, com os seus anexos e construções ainda por acabar e que farão objecto de um arrendamento provisório. As condições do arrendamento são em geral de louvar, conquanto se note de principio uma falta – a de não reconhecer, por uma preferência legal qualquer, os serviços que ao estabelecimento tem prestado o sr. Bergamin a cuja competência, amabilidade e vontade de bem servir, deve o hotel da mata os créditos de que gosa em Portugal e estrangeiro. A propaganda do sr. Bergamin tem sido ativa e a sua bisarra hospitalidade afirmou no Bussaco, mais uma vez, os excelentes créditos de que gosa em todo o paiz. Mas, alem deste defeito bem próprio para afastar os que como o sr. Bergamin não tem feito do nosso paiz campo de exploração interesseira [...] O hotel está hoje bem administrado pelo sr. Bergamin com aplauso justo de quantos o frequentam [...].*

Os termos do contrato para o arrendamento do Grande Hotel do Buçaco, e seus anexos, são publicadas no Diário do Governo nº 170, de 2 de Agosto de 1907.

Bergamin em Coimbra.

Os interesses de Paul Bergamin estendem-se a Coimbra, pelas razões mais óbvias, mercado hoteleiro emergente, possibilidade de canalizar clientes para o Grande Hotel e igualmente acesso a mercado de excelência para abastecimento de produtos frescos, necessidade diária para a atividade hoteleira na Pampilhosa e Bussaco.

Em 14 de fevereiro de 1906, é constituída a sociedade Bergamin & C^a, entre Paul Bergamin e José Garcia Esteves para exploração de dois hotéis – Hotel Avenida e Hotel Bergamin (antigo Hotel Continental), com o capital social de doze contos de reis (oito Garcia, quatro Bergamin). Os referidos edificios com comunicação interna, passaram a ter a designação única de Hotel Avenida. A administração e escrituração da sociedade, aquisições de comestíveis e outros bens cabe ao sócio José Garcia Esteves, que recebe trinta mil reis de retribuição mensal. José Garcia Esteves explorava igualmente o Hotel Bragança, que se situava junto à estação.

Em 4 de maio de 1909, é dissolvida, por mútuo acordo, a sociedade Bergamin & Companhia, constituída em de fevereiro de 1906.

Factos e curiosidades

O restaurante foi durante muito tempo o único na Pampilhosa, e referido como o melhor da região, gozava de um horário de funcionamento bastante alargado, fechava apenas algumas horas de madrugada, no maior intervalo entre comboios de passageiros (4h-8h). Atraindo desta forma públicos diversos, em particular, estudantes da Universidade de Coimbra, clientela habitual como nos testemunha, António Simão (Tonito da Cantina), com uma ligação pessoal e familiar de muitos anos, a esta concessão. [...] *O entusiasmo dos estudantes da academia, por este espaço refreou um pouco, com um acidente que vitimou alguns deles, apanhados de surpresa por um comboio em manobras[...].* Recorda-se que nessa altura era reduzida a iluminação e intenso o serviço de manobras na estação.

Em LEAL, Alfredo de Freitas – Coimbra nos Noventas e Outras Impressões. Funchal, 1931 [...] *O que muitas vezes fazíamos era telegrafar ao Bérghamin, o celebre chef, que tinha sido do Hotel Central de Lisboa e que então dirigia o restaurante da Pampilhosa e o Hotel do Bussaco, e íamos no comboio das quatro jantar à Pampilhosa, regressando às 7 horas a Coimbra. O nosso querido Bérghamin fazia **filé** em arranjar uns pratos deliciosos que nós saboreávamos com o acompanhamento da nossa alegria [...].*

As primeiras referências ao restaurante da estação, surgem na publicação de jornalista B. Wolowski, (1883) *Les Fêtes en Portugal. Inauguration du Chemin de Fer de la Beira-Alta. Voyage de la Famille Royale. Notes et Souvenirs de Voyage. Paris. E. Dentu, Éditeur.*

No mesmo texto B. Wolowski, referindo-se ao [...] *Almoço oferecido a S.S.M.M.pala Câmara Municipal da Figueira da Foz por ocasião da inauguração dos Caminhos de ferro d Beira Alta. 3 de Agosto de 1882, [...] digamos agora uma palavra da ementa. O restaurante da Pampilhosa é dirigido por um francês que foi chefe de cozinha do primeiro e melhor hotel de Lisboa, O Hotel Bragança, verdadeiramente hotel de primeira ordem.*

Foi o proprietário do restaurante da estação da Pampilhosa a pessoa escolhida pela cidade da Figueira para preparar o almoço real, e desempenhou-se da sua incumbência com o pleno reconhecimento dos nossos estômagos famintos.

Reproduzo aqui a ementa, que foi impressa em língua francesa [...]

MENU

Hors-d'oeuvre

Sardines. Saucisson de Lyon. Melon

Rissoles à la Piémontaise

Filets de soles à la Colbert

Escallopes de felets de boeuf a la Talleyrand

Galantine de dinde truffée

Jambon d'York à la gelée

Salade à l'Italienne

Dinde rôtie au cresson

-

Champagne frappé

Gâteau Gnévois

Petit fours assortis

Compote de fruits

Vins

Johanisberg, Château-Iquem, Château-Margaux, Sauterne, St.-Estèphe, Porto et Madère.

Café et liqueurs

Servi par Paul Bergamin

[...]

O primeiro teste à capacidade de resposta do restaurante da estação, teve lugar no dia 8 de Agosto de 1882, quando a comitiva real de regresso da Beira com destino ao Porto, almoça no restante, como nos é informado no, “Diário Ilustrado” de 10 de Agosto, – Viagem da família real [...] São 1 hora e 17 minutos da tarde; acaba de chegar d'aquella linha á estação da Pampilhosa o trem real que conduz suas magestades e altezas e a comitiva.

A estação acha-se repleta de admiradores, convidados, auctoridades, dignitários, uma força do regimento de infantaria 2, que faz a guarda de honra a suas magestades. As innumeras bandeiras tremulam, o regio benéfico acalma um pouco a zona tórrida em que temos passado. Suas magestades dignam-se entrar no restaurant da Pampilhosa, onde lhes é servido um magnifico lanch, a saber:

MENU

Saucisson de Lyon.

Sardines de Nantes.

Cellerie blanc.

Risolles Polonaise.

Escalopes de Veau Clamard.

Chaud froise de Volaille Villeroy.

Filets de boef au truffe.

Asperges en blauche.

Sauce Hollandaise.

Vins

Champagne frappe.

Heri.

Porto.

St. Estepe.

S. Julien.

Chateau Squeur.

Caffe.

Liquers.

O restaurant está completamente transformado em menos de três horas. As providencias tomadas pelo seu administrador chamando em seu auxilio de Lisboa telegraphicamente creados e objectos para completo effeito, tudo lhe falta, mas de nada se sente a falta.

Suas magestades e altezas e a sua comitiva ficam completamente satisfeitos com o serviço, para o qual bastante concorreu o chefe da meza redonda o sr. Luis da Silva, e tomando novamente o trem real partem para o Porto ás 2 horas e 13 minutos.

A recepção de suas magestades foi brilhantissima durante a refeição, tocando alternadamente as duas musicas de infantaria 2 e 11 [...].

B Wolowski, no seu relato, também nos dá conta deste almoço [...] Na Pampilhosa um almoço oferecido pela Companhia, esperava a família real e os convidados no restaurante da estação.

Nesta estação o rei felicitou o sr. Bartissol e o alto pessoal da Direcção da Beira-Alta, e subiu ás 2 horas da tarde para a carruagem-salão da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, que tem como director uma pessoa muito amável, o Sr Espigueira.

O trajecto da Pampilhosa ao Porto efectuou-se em três horas e três quartos [...]

Em 19 de maio de 1886, no “Novidades” [...] Ás 11 h. e 45 m. da m. – O almoço na Pampilhosa foi de cento e tantos talheres. A princeza vestia uma elegante “toilette” de flanela branca, e chapéu côr de castanha. Enorme multidão na estação. Durante o almoço foram oferecidos á princeza muitos cestos com flores, e retratos d’ella e do principe. Tocaram duas bandas de musica enquanto os príncipes almoçaram. Enthusiasmo indiscritivel. Jubilo geral. A princeza e toda a família Orleans estão encantadas com a paisagem do paiz e com a recepção que teem tido. Ao almoço houve duas mezas, uma presidida pelo principe, e outra pelo ministro das obras publicas [...].

Em 21 de maio 1886, na revista “Ocidente” [...] E foi uma verdadeira festa essa chegada. Na véspera o principe D. Carlos partira ao encontro da sua gentil noiva. S.A. pernoitou na Pampilhosa e ali esperou o comboio em que vinha a princesa Amelia d’Orleans, seu pae, mãe, irmã e irmão, a princesa de Joinville e todo o numeroso séquito que de Paris a acompanhava.

A entrevista dos noivos teve por espectadores milhares de pessoas que dos arredores da Pampilhosa tinham concorrido á estação a victoriar a futura rainha de Portugal.

Os principes e as suas comitivas almoçaram na estação do caminho de ferro, e seguiram depois no expresso para Lisboa [...]

Em 20 de janeiro de 1892, [...] *Paul Bergamin e esposa Adelaide Maria d'Albuquerque Bergamin e o casal francês, constituem uma sociedade industrial, com Luiz Julio Palud e esposa Maria Melanie Palud, para exploração do bufete e cantina da estação. Para o fundo social, os primeiros entram com o recheio do bufete, cantina, adega e o recheio, composto de roupas, mobílias, louças, armários, vidros e bateria de cosinha, vinhos, licores, bebidas brancas, e açucares, cafés, artigos de confeitaria. O segundo entra com o valor correspondente de seis contos de reis.*

Esta sociedade, não terá corrido bem, pois em 20 de Maio do mesmo ano é dissolvida por mútuo acordo, com a confissão de dívida dos segundos, no valor de cento e cinquenta mil reis [...].

Em 5 de maio de 1914 o “Mealhada”, anuncia – *Em virtude de ter terminado o contrato de arrendamento do restaurante da estação da Pampilhosa que acompanha da Beira Alta tinha feito ao sr. Paulo Bergamin, vai proceder-se a novo contrato, brevemente. Consta que já há bastantes pretendentes.*

Bergamin – Tempos conturbados

Em 1916, Paul Bergamin com 68 anos de idade, reconhecendo as dificuldades que a idade e os problemas de saúde lhe reservavam no futuro próximo, inicia um processo de constituição de sociedades para salvaguarda dos seus negócios; com a filha, o genro e Alexandre d'Almeida.

Em 26 de janeiro de 1916, sociedade em nome coletivo – Paulo Bergamin & Companhia – [...] *Entre Paul Bergamin e Alexandre d'Almeida é constituída uma sociedade para exploração do Grande Hotel do Bussaco, com capital de oitenta mil escudos[...] a administração e gerência fica a cargo de Alexandre d'Almeida, sob fiscalização de Paul Bergamin*

Em 30 de março de 1916, surge a sociedade Bergamin, Lda. [...] *Entre Paul Bergamin e sua filha Maria Adelaide d'Albuquerque Bergamin Rocha, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, por tempo indeterminado que tem por objecto a exploração de prédios urbanos e rústicos e qualquer ramo de negócio determinado por deliberação na assembleia geral [...].*

Em 25 de junho de 1916, surge a sociedade Paul Bergamin & Companhia [...] *Entre Paul Bergamin e Feliciano d'Oliveira Rocha, foi constituída uma sociedade em nome colectivo, por dez anos, com o objecto de exploração de hotéis, designadamente a do Grande Hotel do Bussaco [...].* Aqui já estamos perante uma situação inesperada, pois esta sociedade parece colidir, por sobreposição de objeto, com a sociedade constituída meses antes com Alexandre d'Almeida.

Em 21 de maio de 1917, Paul Bergamin move uma acção de prestação de contas, no valor de 6.200\$00, contra José Garcia Esteves que este veio a impugnar por meio de embargos. Este processo arrasta-se nos tribunais até 1920, com o seguinte desfecho [...] *são julgados procedentes e provados os embargos deduzidos pelo Reu José Garcia Esteves e, consequentemente, absolve o dito Reu da obrigação de prestar as contas que lhe são exigidas, e nas custas e selos dos autos, incluindo 25\$00 para o embargante a título de procuradoria [...].*

Em 2 de junho de 1917 na “Gazeta da Figueira” – Pelos Tribunais– *5º ofício. Acção de prestação de contas requerida por Paul Bergamin, contra José Garcia Esteves, residente nesta cidade [...].*

Em 5 de junho de 1919, Paul Bergamin move uma ação comercial, no valor de 80.000\$00, contra seu genro Feliciano d'Oliveira Rocha, sócio na sociedade Paul Bergamin & C^a. Pretendendo afasta-lo da administração por má gestão nos últimos anos. Feliciano Rocha defende-se invocando menores lucros derivado da impossibilidade de circulação de clientes provenientes do centro da europa, por causa da 1ª guerra mundial. Entre outros factos refere um certo desequilíbrio mental do sogro, para além da cegueira, que o tem levado a praticar uma administração ruinosa, com a contratação de pessoal vindo da Suíça, e que, sob a influência de uma rapariga de cor negra, que vive em sua companhia, que tudo tem feito para o afastar, da sua filha e genro ao mesmo tempo faz converter em dinheiro os seus

valores para assim mais facilmente os tornar negociáveis. Passado pouco mais de um ano, esta ação comercial, viria a ser retirada por mútuo acordo.

Em 5 de março de 1920 – Paul Bergamin faz o seu testamento – [...] *quota disponível em partes eguaes a: afilhada Maria Barbosa, filha de Manuel Barbosa, moradora no Porto; Emília Catunga, de côr preta, que vive em companhia com o testador; irmã Paulina Bergamin; sobrinhos da cunhada, Neza Bergamin, que vive na Suissa. À excepção dos seguintes legados: A um cocheiro Gabriel Ferreira, de Murtede, deixa o carro, cavalos e arreios e barracão de madeira, cavalaria, às Portas da Rainha, em terreno que pertence a José Ferreira do Bussaco, e um barracão em tijolo que serve de cavalaria, no entroncamento da Pampilhosa; ao cunhado Manual Barbosa, um relógio e cadeia d'ouro e um fato completo de uso; ao creado Cesario Hernandez três fatos de uso; ao rachador de lenha Agostinho do Bussaco, um fato em uso; ao creado António Cadete, do Entroncamento da Pampilhosa, um fato em uso; ao afilhado Henrique Chabert, do Bussaco um alfinete de brilhantes. Quer um funeral modesto e que sejam distribuídos no dia do enterro, a cinquenta pobres da freguesia da Pampilhosa do Botão, a quantia de 20 centavos. Testemunharam, Doutor Luiz da Cruz Navega, casado, sub-delegado de saúde da Mealhada; Doutor Americo Paes de Couto, solteiro, médico, morador na Mealhada e Adriano Teixeira Lopes, viúvo, industrial, morador no Entroncamento, Pampilhosa do Botão.*

Este testamento dá-nos conta de um pampilhosense, António Cadete, que trabalhou para Paul Bergamin, no Chalet Suíço. Por informação de António Simão e testemunho de familiares também Teresa de Jesus “Bifa”, lá trabalhou desde muito jovem, e ainda hoje guardam uma moeda, que a rainha D^a Amélia lhe ofereceu, numa das suas passagens por esta hospedaria.

Em 22 de março de 1920, entre Paul Bergamin e Feliciano d'Oliveira Rocha e esposa é feita a escritura de transação e dissolução da sociedade por cedência do Grande Hotel do Bussaco a Alexandre d'Almeida

No mesmo dia é feita a escritura de trespasse de Paul Bergamin, Feliciano d'Oliveira Rocha e Maria Adelaide d'Albuquerque Bergamin Rocha, a Alexandre d'Almeida. [...] *Sob a designação comercial Bergamin & Companhia arrendatários ao estado do Grande Hotel do Bussaco, cedem a concessão à exploração, com todo o recheio, excluindo o stock de géneros, pelo valor de 100 mil escudos, sendo a sublocação de dezoito mil e quinhentos escudos. O outorgante Paul Bergamin não assina por se encontrar impossibilitado por falta de vista. Ficou assegurada a sua permanência no Hotel, e mais uma pessoa acompanhante até morrer, com tratamento igual a qualquer hospede [...].*

Paul Bergamin morre sem honra nem glória

Em 12 de Maio de 1921, no Grande Hotel do Bussaco (Palacio-Hotel), Paul Bergamin faleceu de coma diabético. Foi sepultado no cemitério novo do Luso, com terno de concessão lavrado em 23 de Agosto do mesmo ano, em nome de Alexandre d'Almeida, sepultura perpetua nº 16, no talhão 3.

Presume-se que se tenham cumprido as condições colocadas na escritura de cedência de concessão – permanecer no Hotel, com tratamento de hóspede até ao último dia. O facto de ter sido sepultado no Luso, a custos de Alexandre d'Almeida e não ter sido trasladado para o jazigo de família no cemitério da Pampilhosa, leva-nos a supor que as relações familiares, desgastadas nos últimos anos, não se restabeleceram até à sua morte, contribuindo igualmente para o apagamento da sua memória.

Lembrando Paul Bergamin, resta o edifício do Chalet Suíço, que por razões óbvias, poderá ter um futuro comprometido. Creio ser sentimento comum, ver este edifício reabilitado, símbolo da atividade económica hoteleira instalada na Pampilhosa há 130 anos. Esperemos que se encontre uma solução, para que tão importante património edificado não conheça um desfecho igual ao de muitos outros edifícios históricos da nossa terra.



Chalet Suíço – anos vinte

Extrato de artigo a publicar no Nº 35 da revista do GEDEPA "Pampilhosa uma Terra e um Povo" – Mário Rui Cunha